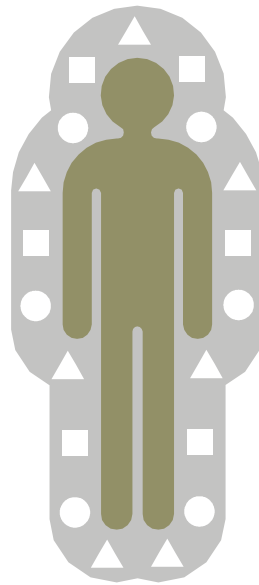


## Camadas públicas e privadas

Cristóvão Valente Pereira

*"The lower animals keep all their limbs at home in their own bodies, but many of man's are loose, and lie about detached, now here and now there, in various parts of the world — some being kept always handy for contingent use, and others being occasionally a hundred miles away. A machine is merely a supplementary limb; this is the be-all and end-all of machinery. We do not use our own limbs other than as machines; and a leg is only a much better wooden leg than any one can manufacture. Observe a man digging with a spade; his right forearm has become artificially lengthened, and his hand has become a joint. The handle of the spade is like a knob at the end of the humerus; the shaft is the additional bone, and the oblong iron plate is the new form of the hand which enables its possessor to disturb the earth in a way to which his original hand was unequal."*

**Samuel Butler, Ereivhon, 1872**



A espécie humana, para viver e sobreviver, produz e usa artefactos, aos quais também podemos chamar “interfaces” ou próteses

A espécie humana também descobriu que, por viver em grupo, o seu trabalho e os recursos poderiam ser otimizados, os artefactos podiam ser trocados e, finalmente, por vezes, o uso podia ser partilhado. Funcionando em conjunto, coisas únicas podiam ser feitas, e os seus novos usos podiam dar mais conforto e melhor viver.

A seguir, alguns descobriram que, sendo certos artefactos e recursos insubstituíveis por quaisquer outros e úteis para todos, deveriam ser propriedade de todos, e assim chamaram-nos ‘públicos’.

De facto, a cidade é também um lugar que existe para a partilha. Para a sua partilha, o uso de bens e o equipamento estão dispostos num espaço, o qual obviamente tem também que ser partilhado. Com este espaço e estes artefactos forma-se o espaço urbano; providencia-se o uso público. Bens e equipamentos partilhados formaram a cidade tal como a conhecemos hoje.

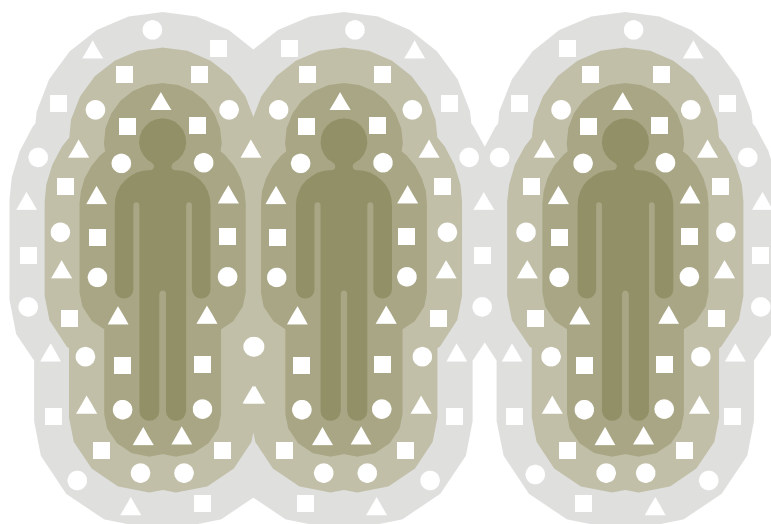
Assim, hoje, no nosso dia-a-dia, cruzamo-nos com vários espaços e artefactos com diferentes usos e tipos de propriedade.

<b>Espaço</b>	<b>Uso/ Acesso</b>	<b>Propriedade</b>	
<i>Casa</i>	Privado	Privado	<i>Privado</i>
<i>Centro Comercial</i>	Partilhado	Privado	<i>Colectivo</i>
<i>Banco Central</i>	Privado	Partilhado	<i>Público</i>
<i>Rua</i>	Partilhado	Partilhado	<i>Público</i>

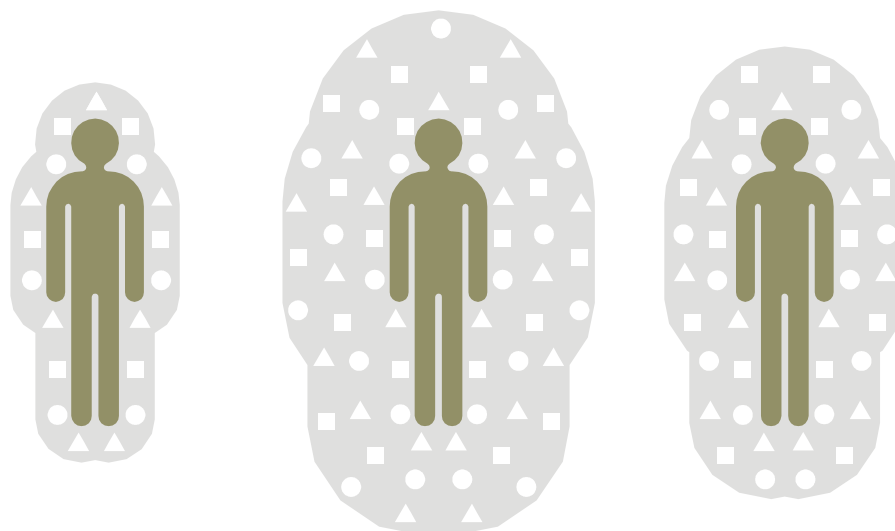
<b>Artefactos/Objectos</b>	<b>Uso/Acesso</b>	<b>Propriedade</b>	
<i>Carro</i>	Privado	Privado	<i>Privado</i>
<i>Suportes Publicitários</i>	Partilhado	Privado	<i>Colectivo</i>
<i>Boca de Incêndio</i>	Privado	Partilhado	<i>Público</i>
<i>Iluminação pública</i>	Partilhado	Partilhado	<i>Público</i>

Deste modo, estes artefactos que nos rodeiam, separando-nos e protegendo-nos do meio envolvente, poderão ser organizados por grupos. Estes podem, por sua vez, ser organizados por camadas:

- Uma primeira seria a de uso individual;
- A segunda para uso de um grupo restrito, como a família;
- As seguintes para outros grupos, maiores, como os de um edifício, um clube, o espaço de trabalho, etc.
- Os últimos seriam as camadas públicas, como a própria cidade.



Por outro lado, também agora presenciamos o chamado “aumento do nível de vida”. No entanto, na maior parte das vezes, este aplica-se muito mais à vida privada, nos seus usos e “propriedades”. Há agora mais casas com água corrente, água quente corrente, electricidade, entretenimento, informação e comunicação. É possível, hoje, uma pessoa trabalhar, comprar, falar com outros e manter-se minimamente informado sem abrir a porta de casa.



Consequentemente, podemos observar que muitos dos limites destas camadas estão a mover-se, uma vez que muitos destes artefactos estão gradualmente a passar para usos privados. Assim, na cidade moderna, o espaço público pode tender para se tornar secundário.

Na época actual, os valores dominantes dão primazia ao individual, propondo como objectivo, aliás impossível, transformar o indivíduo numa personagem auto-suficiente, numa espécie de super-homem. Cada um de nós está assim a construir à sua volta uma armadura com artefactos, tentando amplificar e prolongar o corpo com próteses várias, transformando-nos num “cyborg”.

O que é uma sociedade de “cyborgs” auto-suficientes?

Por outro lado, a espécie humana ainda vive em grupo, e isto não parece uma situação alterável. Se esta é a sua natureza efectiva, e a sua evolução demonstra-o, então a espécie humana, se tal for possível, só poderá alcançar a perfeição em grupo.

Ao tentar perceber porque diminuía o número de passageiros dos autocarros, as autoridades francesas descobriram que muitos dos seus ex-utilizadores estavam agora a utilizar outros meios de transporte, uma vez que antes utilizavam o autocarro porque não tinham escolha. Muitos destes tinham mesmo passado a utilizar meios próprios.

Uma das soluções que este estudo apontou foi o autocarro com degrau de acesso rebaixado. Este acesso facilitado alargaria o grupo de utilizadores, já que todos aqueles que têm problemas de mobilidade, incluindo os que transportam carrinhos de bebé e bagagem, poderiam assim entrar facilmente no autocarro. Além disso, traria maior

conforto para outros utilizadores e ainda, como resultado, o desempenho comercial seria melhorado, porque seriam reduzidos os tempos de entrada e saída dos autocarros.

Já se sabe que quanto mais exogâmico for um grupo, mais robustos poderão ser os indivíduos que o compõem. Considerando um projecto, pode-se fazer uma analogia: quanto mais heterogéneo for o seu grupo de potenciais utilizadores, mais qualidade e “força” poderá ter. Quanto mais usos um artefacto tiver, mais capacidades terá de ser efectivamente útil.

Uma vez que todos os humanos precisam de artefactos para as suas necessidades básicas, a incapacidade de um indivíduo está então sobretudo relacionada com a sua inacessibilidade aos artefactos de que precisa.

Trata-se pois mais de incapacidade dos artefactos, do que de utilizadores incapazes. O artefacto deve sempre ir ao encontro do utilizador, e não o contrário. Quando o artefacto e o seu utilizador não se encontram, devemos lembrar-nos que as ideias humanas são ilimitadas, mas o corpo humano não.

Os artefactos podem servir para grupos, em vez de servir indivíduos. De facto, os artefactos servem para grupos, uma vez que os indivíduos pertencem sempre a um grupo; além disso, hoje em dia quase toda a produção é em série, o que potencialmente destina cada ideia e cada projecto à utilização final por vários indivíduos.

No fundo, a questão é a das fronteiras dos objectivos definidos para os artefactos. Poderíamos mudar estes objectivos, alterando as fronteiras que os abrigam ou encerram como a “concha” dum organismo: do objectivo de um super-homem impossível para o objectivo de um grupo heterogéneo. Assim, poderemos ter artefactos de qualidade, uma melhor cidade, e uma sociedade inclusiva.